



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade “MDS 4 anos: Superando a Fome e Reduzindo as Desigualdades Sociais”**

**QG do Exército, Setor Militar Urbano - Brasília-DF, 12 de março de 2008**

Bem, meu companheiro José Alencar, vice-presidente da República,  
Meus companheiros ministros aqui presentes,  
Embaixadores acreditados junto ao governo brasileiro,  
Companheiro Patrus,  
Meu caro comandante do Exército, Enzo Martins Peri,  
Governadores aqui presentes,  
Meu caro Serafim, prefeito de Manaus,  
Cid Gomes, governador do Ceará,  
Wellington, governador do Piauí,  
E Jaques Wagner, governador da Bahia,  
Minha querida Joselita, moradora de Aracaju,  
Companheiros e companheiras,

Primeiro, quando o Patrus estava falando aqui, do Ministério dele, Paulo Bernardo, eu só fiquei imaginando ele te cobrar o concurso para aumentar o número de funcionários do Ministério. E eu pensei que dentre as coisas que eu ia assinar, você já tinha concordado de mandar para lá.

Bem, eu vou ser muito breve, porque tenho um compromisso às 5h30 e ainda preciso discutir com algumas pessoas.

Mas eu queria, Patrus, dizer para você o seguinte: o Ministério do Combate à Fome é um ministério em formação. Até porque todos nós, quando lançamos o programa Fome Zero, depois criamos o Ministério, depois criamos o Bolsa Família, nós tínhamos clareza de que era importante a gente ir



aprendendo o que significaria fazer política social para milhões e milhões de brasileiros que, muitas vezes, passaram décadas sem ver a figura do Estado, seja da União, dos estados e dos municípios, batendo na sua casa ou passando na sua rua.

E o desafio foi importante, porque o grande adversário do Ministério e dos programas foi enfrentar o preconceito, um preconceito cultural, um preconceito que está arraigado na cabeça de uma parte da elite brasileira que acha que tudo o que a gente dá para ela é investimento, e tudo o que a gente dá para os pobres é gasto. Não têm dimensão cultural para fazer uma inflexão e perceber que o que nós investimos em políticas sociais significa um investimento tão importante quanto qualquer outro investimento. Porque por menos que você dê para uma pessoa pobre, você estará transformando essa pessoa numa espécie de consumidora dos bens de consumo populares que nós mesmos produzimos no Brasil.

Aliás, é importante lembrar para esses céticos que uma parte do sucesso da economia brasileira anunciada pelo IBGE, hoje, do crescimento do PIB, está subordinada à questão do crescimento do mercado interno. Significa que os pobres estão comendo mais, os pobres estão vestindo mais. E não apenas no Brasil, em quase todo o mundo. Na África, os pobres estão comendo mais; na China, estão comendo mais; na Índia, estão comendo mais; na América Latina toda estão comendo mais, e no Brasil estão comendo mais.

Eu estive, agora, com o Cid lá em Quixadá, no estado do Ceará. Em 2003, no último plano agrícola que nós lançamos – você estava lá, Guilherme – o governo federal colocava, para ajudar a agricultura familiar no Ceará, em 2003, apenas 28 milhões de reais. Este ano, chegou a 349 milhões de reais. São apenas 320 milhões a mais. Vou seguir assim em todos os estados.

O milagre do programa Luz Para Todos, Patrus, eu digo sempre que levar luz à casa de uma pessoa é retirá-la do atraso do século XVIII para levá-la para o século XX. E já são quase 8 milhões de pessoas, e vamos chegar



agora, até o final deste ano, a completar a meta que nós nos propusemos.

E aconteceu uma coisa grave, mas boa para nós: é que depois que nós começamos a fazer o programa Luz para Todos, quando nós começamos a cumprir a meta do IBGE, nós descobrimos que os números do IBGE estavam menores do que a necessidade, descobrimos mais 1 milhão e 564 mil pessoas que precisam de luz elétrica e vamos levar até 2010. Quem é que falava em quilombolas neste País, a não ser para fazer discursos, no dia 13 de maio ou dia 20 de novembro?

Pois bem, Patrus. Há um significado muito grande no aniversário de quatro anos. Eu espero que os outros ministros não queiram fazer aniversário dos seus ministérios, porque como são mais de 30, eu vou passar o ano inteiro participando de aniversários, e não é possível. Eu acho que é importante nós termos claro que nós despertamos neste País uma idéia, eu diria, força, uma idéia de força, que atende diretamente mais da metade da população brasileira, nos mais diferentes programas, que até outro dia só tinham valor na época das eleições. O único momento da história deste País em que o pobre tinha valor era no dia da eleição, porque não tem distinção entre pobre e rico, todo mundo está na fila para votar. Vocês nunca viram um político falar mal de pobre em campanha, só falam mal de rico. Não tem um político que não critique banqueiros, usineiros, fazendeiros e os grandes empresários. Agora, quando chega na época da eleição, que ganha as eleições, quem é que almoça com ele? Não é o pobre, muito menos as pessoas do Bolsa Família. Então, o que foi feito de milagre foi isso, Patrus. As pessoas se descobriram para este País, e o País descobriu essas pessoas. O que nós precisamos fazer agora é consolidar um processo tão forte da relação Estado e sociedade, que quem vier depois de nós tem que trabalhar com essa gente com respeito, atendendo às necessidades prioritárias do povo brasileiro.

Eu, Patrus, aprendi uma coisa: se tem uma coisa que os pobres deste País têm é humildade, eles não querem muito. Vamos ver o que o pobre quer?



O pobre quer tomar café, almoçar e jantar com a sua família. Isso é garantido pela Bíblia e pela Constituição. Mas, ainda, nós fizemos o Estatuto da Criança e do Adolescente, que também garante. Então, tem muita coisa que garante. Segundo, o pobre quer ter uma casinha para morar, isso também está garantido na nossa Constituição. O pobre quer ter o direito de estudar, isso também está garantido na nossa Constituição.

Eu fico pensando: os pobres deste País não precisariam fazer, Marinho, nenhuma revolução. O que eles deveriam fazer era andar com a Constituição na mão exigindo que nós, que fizemos a Constituição, cumpríssemos a Constituição e atendêssemos às necessidades básicas e vitais deles. Não existe nenhum problema, nenhum ato de rebeldia, é apenas cumprir aquilo que já está na lei, aprovado por unanimidade por todo mundo. E por que é tão difícil? É tão difícil porque durante muito tempo os pobres foram utilizados como massa de manobra neste País. E nós queremos acabar com isso.

O programa Bolsa Família, eu não conheço uma pessoa que tem um cartão. O prefeito, que eu não sei se é do PFL, do PSDB, do PT, do PMDB, do PSB, do PDT, do PSN, do PRB, do PR, do PTB, eu não sei de que partido é o prefeito, ele sabe que recebe o Bolsa Família, eu não sei. A Maria Fernanda também não sabe, a presidente da Caixa Econômica. Porque a nossa relação não pode ser uma relação mesquinha, do favor. Tem que ser uma relação republicana, em que não importa quem seja o prefeito. O que importa, é que se lá estiver um pobre que está enquadrado dentro das diretrizes do Programa, essa pessoa vai ter que ser atendida. E na hora em que essa pessoa estiver comendo, almoçando, jantando e tomando café, essa pessoa vai evoluindo e vai deixando de ser massa de manobra.

Esses quatro anos no Ministério, Patrus, que poderíamos estar aqui comemorando o aniversário de quatro anos da Secretaria Especial da Igualdade Racial, que poderíamos estar aqui inaugurando ou comemorando os quatro anos da Secretaria Especial da Mulher, da Secretaria Especial dos



Direitos Humanos, da Secretaria Especial da Pesca, de todas as coisas que nós criamos atendendo o interesse que a sociedade brasileira nos colocou durante a campanha e nos colocou depois. Então, eu penso, Patrus, que com essa paciência mineira que você tem, nós – e eu tenho certeza que a sensibilidade paranaense do Paulo Bernardo compreendeu o clamor, a eloquência sua, o heroísmo dos nossos mil e 300 funcionários do MDS. Eu até pensei que, pelo fato de ser aniversário, quando você falou duas vezes, três vezes, quatro vezes, eu pensei que o Paulo Bernardo fosse levantar e gritar: “Já atendi, Patrus, vou atender, vou mandar fazer”. Mas, ele é duro na queda, viu, Patrus. Vai precisar mais uma conversa. Hoje, com as notícias do PIB, ele está satisfeito. Levantou rindo. Porque, também, está cheio de analistas econômicos que dão palpites, gente. Vocês sabem que, se a gente fosse aceitar os palpites de todos que dão palpites, a gente ia embora porque o Brasil ia acabar. Entretanto, hoje, de forma muito gostosa, para quem acreditou, o nosso PIB não cresceu 4.1, 4.2, 3.9, 4.5, 4.7, como todos avaliaram. Cresceu 5.4. E quando houver a revisão, vou falar, de público, aqui, para o Paulo Bernardo, vai ser mais de 5.4. E nós queremos trabalhar para que isso aconteça durante 10 ou 15 anos seguidos, para que o nosso País recupere os 30 anos perdidos na década de 70, da década de 80 e uma parte da década de 90.

Eu vivi, na última sexta-feira, no Rio de Janeiro, um dos momentos mais sagrados que um político pode viver. Saber que era a primeira vez que um presidente da República estava subindo em Manguinhos, Complexo do Alemão e na Rocinha. E fomos subindo em um momento muito importante, que era o de levar não promessa, mas levar ordem de serviço, levar esperança muito concreta, porque na segunda-feira já começaram as obras. Oitenta por cento das pessoas contratadas, Patrus, foram contratadas nas próprias comunidades. E, dentre os 80%, 20% eram mulheres, cadastradas, formadas profissionalmente e trabalhando lá. É isso, Patrus, que mostra que nós vamos



fazer com que o Bolsa Família vá deixando de atender 11 milhões de pessoas. Não porque a gente vá atender aqueles preconceituosos que querem que a gente acabe com o Programa. É porque as pessoas vão arrumando emprego e vão deixando o Bolsa Família, porque não precisam mais do Bolsa Família.

Eu fui lançar, em Quixadá, o Territórios da Cidadania, que é uma das coisas mais extraordinárias já feita por um governo. E eu parabeneizei, de público, os companheiros do MDA, porque é no fundo, no fundo, a concretização para que muita gente do Bolsa Família possa ser encaminhada dentro do Territórios e viver a sua vida sem precisar da ajuda do governo. Então, esses quatro anos, Patrus, que vocês comemoram hoje são quatro anos de profundo ensinamento para mim e, certamente, para todo mundo aqui. De um programa desacreditado por uma parte das pessoas neste País, o programa, hoje, passa a ser referência mundial, todo mundo quer saber o que é o Bolsa Família, como é que ele funciona, quantas pessoas ele atende. Pois bem, e com muito orgulho você está viajando o mundo e explicando o que é isso. Acho que logo, logo, nós vamos ter que fazer viagens para a América Latina, explicando o que são os nossos mais diferentes programas, porque muitas vezes nós não discutimos isso.

Então, Patrus, eu quero dar os parabéns a você, dar os parabéns à sua equipe. Quero dar os parabéns aos ministros que, num processo de interação contigo, estão trabalhando, numa combinação de políticas públicas que acho que nunca foi feita neste País. E eu espero que a gente possa, ao final do nosso governo, nós aqui, e mais todos os ministros, comemorar a consagração da mais importante política pública já feita neste País.

Eu acho que se os empregos continuarem crescendo como estão, se a economia continuar crescendo como está, se acontecer nas escolas o que nós estamos prevendo, se acontecer na saúde o que nós estamos prevendo, se acontecer no programa ProJovem o que nós estamos prevendo, certamente nós teremos, em 2010, um País muito, mas infinitamente melhor do que o



Brasil de qualquer outro momento.

Eu não poderia, Patrus, terminar sem agradecer de coração a lealdade, o compromisso, a sua dedicação e da sua equipe. E Deus queira que daqui para frente o Paulo Bernardo atenda os nossos desejos e que a gente possa melhorar a equipe. Paulo, presta atenção no número, Paulo: são 1.300 funcionários para cuidar de quase 6.000 municípios, num programa que envolve quase 60 milhões de pessoas. Qualquer ministério que está aqui atende menos gente e tem muito mais gente do que o Patrus. Você paga o preço de ser um ministério novo, mas olha o Paulinho como está sensível ali, olha. O Paulinho vai chegar hoje e vai resolver o seu problema.

No mais, companheiros e companheiras, que Deus dê a vocês a força suficiente para vocês continuarem fazendo o que vocês estão fazendo. E aos beneficiários, sobretudo as crianças brasileiras, que Deus nos dê força de poder fazer um pouco mais do que estamos fazendo, porque tudo o que nós fizemos será ainda pouco, diante do tamanho da dívida social construída em séculos e séculos neste País.

Meus parabéns, Patrus, a você, à sua equipe. E parabéns a todo o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

(\$211A)